

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE ARTES**

**Júlia Azevedo Amaral**

**O papel da comédia como transformadora da sociedade - espetáculo  
Telhado de vidro**

**Ouro Preto - MG  
2025**

Júlia Azevedo Amaral

O papel da comédia como transformadora da sociedade - espetáculo Telhado de vidro

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso Bacharelado em Artes Cênicas do Departamento de Artes Cênicas (DEART) do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Gomes

Ouro Preto - MG  
2025



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Júlia Azevedo Amaral**

**O papel da comédia como transformadora da sociedade - espetáculo Telhado de vidro**

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Cênicas

Aprovada em 19 de agosto de 2025

### Membros da banca

Prof. Dr. Ricardo Carlos Gomes - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof. Dr. Acevesmoreno Flores Piegaz (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Dra. Priscilla de Queiroz Duarte (Universidade Federal de Minas Gerais)

Ricardo Carlos Gomes, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/02/2026



Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Carlos Gomes, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/02/2026, às 15:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1064937** e o código CRC **87E01AD8**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Marjorie e Jackson, pelo apoio que me deram quando escolhi um curso que muitas vezes não é valorizado e desde sempre me apresentaram a educação como meio essencial para sobrevivência.

À minha família Azevedo e Amaral que sempre me trouxe referências de amor e diferentes estilos de vida.

Aos meus amigos que passaram pela minha trajetória na graduação e aqueles que são de Bragança e continuam criando memórias comigo para deixar a vida divertida e ajudar a cumprir nossas realizações.

Agradeço também meu orientador Ricardo Gomes. Aos funcionários do DEART, Aguinaldo, Vinicius, Lu, Reginaldo.

E por fim meu elenco e diretor, fazemos juntos o que não conseguimos fazer sozinhos.

## RESUMO

Este artigo analisa a comédia como instrumento de transformação social no contexto do sistema republicano de Ouro Preto-MG. Por “sistema republicano” entendemos as repúblicas estudantis, casas ou prédios alugados por grupos de estudantes universitários para moradia coletiva. Essas repúblicas, tanto federais quanto particulares, desempenham papel fundamental na vida acadêmica da cidade, proporcionando moradia, socialização e senso de comunidade. Contudo, esse ambiente apresenta uma dualidade: tanto pode ser espaço de convivência enriquecedora quanto cenário de relações tóxicas. É precisamente sobre essa ambivalência, com ênfase nos aspectos problemáticos, que nos debruçaremos neste estudo. Nossa análise centra-se no espetáculo "Telhado de Vidro", cuja dramaturgia emergiu de vivências pessoais durante três anos em uma república federal. A peça em questão utiliza a comédia como dispositivo crítico para reflexão sobre as estruturas de poder e convivência nas repúblicas estudantis. Nesse contexto, o teatro cômico revelou-se como ferramenta de questionamento dos sistemas de controle social, tanto em nível macro quanto micro. Estabelecemos diálogo com estudos sociológicos, aplicados ao contexto republicano, destacando o cotidiano dos sujeitos que vivenciam tanto as problemáticas quanto os aspectos positivos que mantêm as pessoas nesse ambiente.

Palavras-chave: Comédia, sistema republicano de moradia estudantil, relações de poder, controle social.

## **ABSTRACT**

This article examines comedy as a tool for social transformation within the context of the republican system in Ouro Preto, Minas Gerais. By "republican system," we refer to student republics houses or buildings rented by groups of university students for collective living. These republics, both federal and private, play a fundamental role in the city's academic life, providing housing, socialization, and a sense of community. However, this environment presents a duality: it can be both a space for enriching coexistence and a setting for toxic relationships. It is precisely this ambivalence with an emphasis on its problematic aspects that we will explore in this study. Our analysis focuses on the play *Telhado de Vidro* ("Glass Ceiling"), whose script emerged from personal experiences during three years in a federal republic. The play in question uses comedy as a critical device for reflection on the structures of power and coexistence in student republics. In this context, the comic theater has proved to be a tool for questioning social control systems at both macro and micro levels. We establish a dialogue with sociological studies, applied to the republican context, highlighting the daily life of subjects who experience both problems and positive aspects that keep people in this environment.

**Keywords:** Comedy, republican system of student housing, power relations, social control.

## SUMÁRIO

<b>A Relação entre a sociologia e o sistema republicano</b>	<b>5</b>
<b>Como o riso é inserido e age no público</b>	<b>9</b>
<b>Reflexão sobre o meu lugar de atriz e agente cultural</b>	<b>12</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>14</b>
<b>Referências</b>	<b>16</b>
<b>Anexo - dramaturgia do espetáculo “Telhado de vidro”</b>	<b>17</b>

Neste artigo, propomos refletir sobre como a comédia teatral pode gerar reações de análise e crítica no público. O espetáculo visa especialmente moradores de repúblicas de Ouro Preto e calouros que decidirão se essa realidade fará parte de sua trajetória acadêmica. Antecipamos que alguns espectadores poderão se incomodar com certas situações apresentadas, por não reconhecerem as problemáticas de suas próprias ações nesse ambiente. Por outro lado, esperamos que a peça, ao retratar essa realidade de forma humorística, leve o público a uma reflexão sobre suas atitudes cotidianas.

Reunimos um elenco de seis pessoas e alguns figurantes. A partir disso, desenvolvemos a dramaturgia criada. A primeira cena já introduz o ambiente de festa ao público, um acontecimento frequente no sistema republicano, onde estudantes e amigos se reúnem para extravasar após as obrigações semanais, tanto da graduação quanto da vida na república. Em nosso espetáculo, contudo, essa cena festiva representa a despedida de duas amigas que estão deixando sua cidade natal para ingressar na vida universitária em Ouro Preto, distantes de suas famílias. Ao longo da peça, as protagonistas enfrentam as problemáticas inerentes a esse modelo de moradia coletiva.

Durante os ensaios, analisamos minuciosamente cada ator em seu personagem, suas ações e falas, garantindo que as cenas conjugassem a comicidade com a representação fiel da realidade vivenciada por muitos nesse contexto. A observação do comportamento dos indivíduos inseridos no sistema republicano de Ouro Preto, baseada tanto na vivência da autora quanto nos relatos do elenco, mostrou-se essencial para estabelecer paralelos com estudos sociológicos sobre dinâmicas sociais em sistemas coletivos. Essas reflexões foram fundamentais para o desenvolvimento progressivo da dramaturgia, que evoluiu a cada ensaio.

## **A Relação entre a sociologia e o sistema republicano**

No percurso da indução sociológica durkheimiana, o individual esvanece-se até ser totalmente absorvido pelo coletivo, numa operação de terraplanagem social que esmaga as diferenças de modo a destruir as particularidades conceituais, operacionalizando uma teorização funcional que privilegia a Sociedade, a ordem, a consciência coletiva, a moral etc. (DURKHEIM, 1984, p.92). Esse fenômeno é

nitidamente observável no sistema republicano, onde, ao ingressar na república, o calouro se depara com diversas regras, algumas com fundamento organizacional legítimo, outras que, sob o pretexto de organização, mascaram práticas sem outro sentido além do constrangimento dos jovens.

Um exemplo emblemático dessa dinâmica é a placa que as pessoas recebem ao entrar na casa, geralmente contendo frases como "Sou bixo Uva, da república Madeira". As pessoas são obrigadas a portar essa identificação em todos os lugares, o que não apenas dificulta suas atividades cotidianas, mas também as reduz a uma condição simbólica de propriedade coletiva. A recusa em cumprir tais normas acarreta punições como trotes humilhantes ou, no extremo, a "catação" – termo que designa a expulsão da república por insubordinação às regras estabelecidas. Diante desse exemplo, observamos que a pessoa é obrigada a agir de uma maneira para ser aceita dentro de um determinado grupo de estudantes e garantir sua moradia para conseguir permanecer na universidade. Mesmo que ela não queira, ela vai abstrair e continuar atendendo demandas como essa.

Em alguns casos, a pessoa não tem direito à moradia socioeconômica que a UFOP também oferece e ao mesmo tempo não tem condições financeiras para arcar com o aluguel de uma casa sozinha, pelo fato de que em Ouro Preto os valores são muito altos. Sendo assim, uma das únicas maneiras de continuar os estudos em uma cidade longe da família é acatando regras e reproduzindo-as; caso contrário, a pessoa vai ter que trabalhar o dobro para suprir suas demandas financeiras.

Em Ouro Preto estão registradas 59 repúblicas federais, ou seja, vinculadas à UFOP (Universidade Federal De Ouro Preto), a essas moradias estudantis é assegurada a autogestão, em que cada casa tem seu regimento interno, seguindo os parâmetros da resolução CUNI 1540<sup>1</sup>. Além das repúblicas federais existem as particulares. Cada casa tem sua particularidade, nem todas impõem a placa citada no parágrafo anterior, mas na maioria existe alguma tradição sem ética.

A Teoria das Janelas Quebradas é uma proposição criminológica que postula que a tolerância a infrações menores e a desordem urbana podem estimular a prática de delitos mais graves. Desenvolvida por James Q. Wilson e George L. Kelling, vinculados à Escola de Chicago, essa teoria sustenta que a sensação de

---

<sup>1</sup> Disponível em [https://prace.ufop.br/sites/default/files/resolucao\\_cuni\\_1540.pdf](https://prace.ufop.br/sites/default/files/resolucao_cuni_1540.pdf). Acesso em: 8 ago 2025.

impunidade, a negligência com normas de convivência e a deterioração do ambiente contribuem para o aumento da criminalidade (WILSON; KELLING, 1982).

A fundamentação empírica da teoria baseia-se em um experimento conduzido em dois contextos socioeconômicos distintos: um bairro periférico (o Bronx, em Nova York) e um bairro de classe média alta. Inicialmente, um carro foi abandonado em cada local. No bairro periférico, o veículo foi rapidamente vandalizado e depredado em menos de uma semana, enquanto no bairro mais abastado permaneceu intacto. Posteriormente, os pesquisadores quebraram uma das janelas do carro no local onde não havia ocorrido vandalismo. Como resultado, o veículo foi alvo de furtos e danos de forma semelhante ao observado no bairro periférico.

Esse experimento ilustra o princípio central da teoria: a desordem aparente e a ausência de manutenção da ordem estimulam comportamentos antissociais, criando um ciclo de degradação e criminalidade. A partir dessa perspectiva, a teoria defende que intervenções preventivas, como o policiamento comunitário e a manutenção urbana, podem inibir a escalada da violência.

Isso pode ser usado para entender como os estudantes agem no meio republicano: a partir do momento em que o calouro entra e é alvo de humilhação, e ninguém é punido por isso, mesmo que esses comportamentos configurem trote estudantil, de acordo com a Resolução CUNI N. 1870<sup>2</sup>. São várias ações que constroem um estilo de vida todo dia através da subordinação e do constrangimento.

Os republicanos acham que nessas moradias estudantis existe uma relação análoga àquela entre um trabalhador e seu superior, onde o empregado deve seguir as diretrizes da empresa ou do chefe. Na realidade, são todos estudantes morando juntos e, às vezes, mantendo uma casa antiga em pé. Uma casa pública que foi cedida aos estudantes pela UFOP e que precisa de manutenção, no caso das federais.

A universidade não tem verba para essas casas, o que resulta em ex-alunos que ainda mantém o vínculo com essas repúblicas e ajudam financeiramente, mas o problema é quando eles acham que isso dá o direito de mandar nos estudantes e causar situações de constrangimento, como por exemplo obrigá-los a servir cerveja durante o evento conhecido como doze, enquanto a pessoa é chamada de “bixo”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://prace.ufop.br/trote/resolucao1870.pdf>. Acesso em: 8 ago 2025.

<sup>3</sup> “Bixo” com x é informal e uma gíria para as pessoas que acabaram de ingressar na faculdade.

resultando em uma humilhação. O evento do Doze em Ouro Preto, Minas Gerais, é uma celebração anual que marca o aniversário da Escola de Minas e Metalurgia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A festa é realizada no dia 12 de outubro e envolve tanto a comunidade acadêmica, com homenagens e reencontros de ex-alunos, quanto a população local e turistas.

Podemos analisar as repúblicas estudantis como microcosmos de poder dentro da universidade. As repúblicas reproduzem um “pequeno Estado” com hierarquias rígidas e mecanismos de coerção (como trotes e rituais de submissão). Quem resiste sofre exclusão (pressão social, expulsão simbólica ou real), reforçando a analogia com a coerção social durkheimiana. Assim como o Estado mantém a ordem através de leis e sanções, as repúblicas impõem regras internas (ex.: placas de identificação de “bixos”, obrigação de participar de rituais etc.) como mecanismos de controle.

Hakin Bey (2011) propõe a possibilidade de criação de Zonas Autônomas Temporárias, ou TAZ (Temporary Autonomous Zone), espaços de liberdade fugaz que surgem à margem das estruturas de controle. Bey defende que essa liberdade deveria necessariamente ser conquistada de forma permanente, mas pode existir em brechas temporárias. Na vida republicana, esses espaços de liberdade podem se manifestar em festas não hierárquicas (onde as regras são suspensas), em ações coletivas de resistência (por exemplo: calouros que se recusam a usar a placa de identificação) etc.

Este próprio artigo e o espetáculo que juntos integram o meu TCC, ao problematizar o sistema republicano, criam um espaço autônomo de pensamento dentro da universidade; um espaço crítico temporário que questiona essas normas, ainda que dentro de um sistema acadêmico formal e que pode ser considerado uma TAZ, conquistando esse espaço na mente das pessoas. A TAZ é efêmera por natureza: se durar demais, é absorvida ou destruída pelo sistema (por exemplo: repúblicas alternativas que acabam burocratizadas). Mesmo assim, sua existência expõe as contradições do poder, como a falsa justificativa de que “tradições” servem para organizar, quando muitas vezes só humilham. “O primeiro passo se assemelha a um satori<sup>4</sup> a constatação de que a TAZ começa com um simples ato de percepção. (BEY, ano 2011, p. 7)

---

<sup>4</sup> Satori, em japonês (悟り), é um termo budista que significa “despertar” ou “compreensão”.

## Como o riso é inserido e age no público

Diante dos fatos sobre como as repúblicas funcionam, conseguimos colocar as situações em cena. Uma cena que fala sobre a hierarquia é um exemplo de como a comédia é inserida e pode agir no público. Dentro das repúblicas existe a hierarquia formada pelo decano, vice-decano, meio de hierarquia, semi-bixo e bixo. Os republicanos explicam que a função do decano é organizar a parte burocrática da casa e delegar o restante das funções para as outras pessoas; o vice-decano serve como apoio ao decano; meio de hierarquia fica responsável por alguma função que o decano designar, como por exemplo ser responsável por fazer eventos ou fazer parte da REFOP (Associação das Repúblicas Federais de Ouro Preto); semi-bixo cuida do calouro que está chegando na casa – e é chamado de bixo –, explica o funcionamento da casa, delega funções ao bixo, como acordar cedo todos os dias para tirar o lixo e passar café, e também supervisiona para ver se o calouro está realizando as tarefas e está se adaptando; bixo faz o que mandam e tenta se adaptar ao novo estilo de vida.

Assim funciona a hierarquia das repúblicas, mas acontece a confusão entre ter sua função para os problemas serem resolvidos e a pessoa achar que manda em todo mundo de acordo com a sua posição na hierarquia, é exatamente esse ponto que pegamos para falar no espetáculo. Fizemos a hierarquia ser um personagem, em uma única cena onde ela fala:

*Boa noite, meu nome é hierarquia. Segundo o dicionário, meu nome significa classificação por ordem, função ou status social. Uma distribuição formal de poderes em que cada nível tem autoridade sobre o próximo depois dele. Na teoria eu sou bem tranquila, sirvo para auxiliar e manter a ordem, sabe? Imagina você, ser humano que é composto de moléculas que formam células que dão origem aos tecidos que desencadeiam em órgãos que compõem sistemas e dão forma a organismos. Você é um organismo estruturado por hierarquia. Para que tudo funcione bem, quem está no topo precisa ter a consciência de que irá distribuir funções para que todos façam seu trabalho, trabalhem em harmonia e não sobrecarregue ninguém. Quando eu sou bem aplicada, tudo funciona bem, o problema é quando a galera acha que tem passe livre para me usar e ser escroto, para satisfazerem suas vontades e manipular pessoas por puro capricho pessoal. Aqui em Ouro Preto, me usam de uma forma totalmente deturpada. Tenho preguiça desses jovens, hahaha gente eu nem gosto de álcool sabe. E*

ainda falam que por minha causa alguém tem que beber CACHAÇA?! Se aconteceu uma merda saiba resolver, saiba conversar que nem gente uai. CANSEI eu não tenho nada haver com o b.o de vocês.<sup>5</sup>

No início ela começa a falar como se fosse a voz do google tradutor, no meio do texto começa a falar em um tom mais alto, debochado e indignado, o que resulta no riso de quem assiste. Fizemos a experimentação durante o ensaio o que nos causou algumas risadas, vindo de um assunto sério.

Como afirma no livro de Mikhail Bakhtin “A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais” (1965), o riso carnavalesco não funciona apenas como “válvula de escape”, mas como um mecanismo de desnaturalização das hierarquias sociais. Ao ridicularizar figuras de autoridade (reis, padres, nobres), o riso revela que seu poder não é absoluto, mas contingente e passível de crítica. Essa informação foi um disparador para a criação da dramaturgia do espetáculo “Telhado de Vidro” no qual colocamos os personagens em situações um tanto caricatas, expondo eles ao ridículo. É importante levar em consideração que a época atual não é idêntica à época dos reis, mas podemos considerar que atualmente as hierarquias sociais carregam resquícios e ecos do que existia.

A decana é um personagem que intensifica os trejeitos e a forma de falar com os outros, ela se torna um dos personagens principais que contracena com a protagonista Joelina, que é oprimida, enquanto a Fernanda (decana) será a opressora junto com sua melhor amiga Jennifer. Também temos a Roberta melhor amiga de Joelina que será oprimida também.

Bertolt Brecht se propôs a criar um tipo de teatro que chamou de “Teatro Épico”, no qual o público é convidado a pensar criticamente sobre o espetáculo que assiste, para isso ele busca criar um distanciamento, ou causar um estranhamento nos espectadores, para que dessa forma o público consiga analisar, refletir e agir:

O efeito de distanciamento consiste em impedir que o espectador se entregue, sem reservas, à ilusão cênica. O ator não deve fazer o público acreditar que ele ‘é’ o personagem; ele deve apenas mostrá-lo, mantendo uma atitude crítica. O espectador não deve chorar com o sofrimento do herói, mas sim perguntar: Por que ele sofre? Isso poderia ser diferente? (BRECHT, 2005, p. 163-164)

De acordo com todas essas informações, a previsão do resultado deste TCC é de causar um distanciamento em uma parcela do público, de acordo com a

---

<sup>5</sup> Trecho da dramaturgia do espetáculo “Telhado de vidro” (p. 5). Ver anexo.

proposta de Brecht, a outra é causar um constrangimento através da identificação por saber que algumas pessoas do público vivenciam e reproduzem comportamentos que serão expostos de forma caricata.

Outra motivação para o espetáculo foi o livro “O riso”, de Henri Bergson (2010), no qual afirma que o riso é um corretivo social, pois ao ridicularizar certas atitudes, a comédia pressiona as pessoas a se ajustarem às normas vivas da sociedade. Trazendo um outro exemplo da dramaturgia de “Telhado de vidro”, temos a cena em que Fernanda exige que Joelina e Roberta “tomem cachaça para aprender a andar na linha”. Essa fala mostra uma autoridade automatizada, repetindo rituais sem questionar seu sentido. O público poderá rir da absurdidade dessa exigência, o que, segundo Bergson, é um sinal de que a sociedade rejeita tal rigidez. Ou seja, a hierarquia rígida das repúblicas com regras absurdas como “bebedeiras obrigatórias” ou “servir as ex-alunas” é ridicularizada justamente por sua falta de adaptação à realidade de alguns estudantes. Bergson afirma que rir de alguém é uma forma de punição social contra comportamentos mecânicos ou inflexíveis.

O cômico surge quando personagens agem como máquinas, seguindo padrões sem consciência. Vemos isso quando a Fernanda encarna a “decana automatizada”. Sua fala no espelho (Cena V) revela uma persona rígida, que justifica absurdos com frases prontas como “hierarquia serve para organizar”. O espectador ri porque ela não se adapta a essa realidade, age como uma caricatura de autoridade. Conforme discutido por Bergson (2001), a comédia cumpre uma função social ao expor, por meio do exagero e do absurdo, os vícios e automatismos presentes nas relações humanas. Na peça “Telhado de Vidro”, essa perspectiva bergsoniana se materializa na representação hiperbólica de rituais e normas das repúblicas estudantis, que são criticados justamente por sua mecanização desprovida de reflexão.

Um exemplo claro é a cena das bebedeiras obrigatórias, em que os veteranos exigem que os calouros tomem cachaça como forma de "aprender a andar na linha" (Cena IV). Bergson (2010, p. 45) argumenta que o riso surge quando ações humanas perdem sua flexibilidade e se tornam gestos repetitivos e condicionados. Nesse caso, a imposição do consumo de álcool, tratada como um ritual inevitável, é ridicularizada por sua irracionalidade, revelando como certas tradições estudantis perpetuam-se de forma acrítica, como máquinas sociais.

Outro momento emblemático ocorre quando Jennifer, em tom satírico, busca um "namorado instantâneo" para o piquenique (Cena XI). A situação expõe a obediência automática às convenções sociais dentro das repúblicas, onde até mesmo relações afetivas são tratadas como tarefas a cumprir. Bergson (2010, p. 32) destacaria que o humor aqui reside na incoerência entre o desejo humano genuíno e a adesão cega a regras coletivas. A plateia ri, mas também reconhece a crítica subjacente: a vida em comunidade, quando reduzida a rituais vazios, torna-se uma farsa.

Esses exemplos demonstram como "Telhado de Vidro" utiliza o absurdo cômico, tal como proposto por Bergson, para desnaturalizar práticas opressivas. Ao provocar o riso, a peça não apenas diverte, mas desestabiliza a seriedade dessas normas, convidando o público a refletir sobre sua própria participação em sistemas automatizados de comportamento.

### **Reflexão sobre o meu lugar de atriz e agente cultural**

Sinto uma necessidade de confrontar tudo que é injusto, por isso escolhi ser atriz. Acho essencial atores criarem e reproduzirem discursos que fazem a consciência expandir para além do que é imposto. A responsabilidade de mostrar histórias para as pessoas devia fazer os artistas criarem um filtro para não difundir ideias opressoras. Eu considero esse trabalho uma TAZ cênica como citado anteriormente, espaço onde o público experimente, por um momento, o que é viver sem opressão.

O ator não é um mero entretendedor, mas um agente de comunicação que pode educar, questionar e até revolucionar a sociedade. Seja através do engajamento ou da provocação, a transmissão de mensagens é central na filosofia do teatro e da arte. O desejo de confrontar o injusto através da arte é, em si, um ato político. O palco é uma trincheira e cada personagem que você interpreta, um projétil de empatia e questionamento. O ator é um agente de comunicação, mas também um cúmplice da revolução, alguém que provoca desconforto, oferece alternativas, expõe feridas.

Fazendo esse trabalho cutuquei minha ferida diversas vezes, me vi como uma pessoa que compactuava com esse sistema republicano por encontrar

pertencimento, um pertencimento que o ser humano busca durante a vida toda. Morava com pessoas com as quais criei um vínculo profundo e totalmente íntimo, apesar das divergências de ideias, a união parecia inabalável. Quando a pessoa mora em uma república de Ouro Preto você tem a oportunidade de criar relações para a vida toda e quando ela estiver velha você pode voltar em um lugar físico e retornar as suas memórias de jovem, retornar a um museu vivo que pulsa, as mesmas pessoas pelas quais você alimentou sentimentos de ternura te abraçam e contam junto com você as histórias que vocês viveram. A partir disso o saudosismo se instaura, a sensação de pertencer a algum lugar. É mágico, não é? Mesmo assim, tendo acesso a isso eu decidi abrir mão porque para ter isso eu precisaria continuar abrindo mão dos meus princípios. Nunca será normal subordinar alguém como se ela estivesse em uma empresa dentro da sua própria casa.

Durante o processo, eu saí da república onde morava, rompi relações com pessoas que eu amava, mas essas pessoas reproduziam a maior parte das coisas que coloquei na dramaturgia desse TCC. Ouso dizer que escrever cada palavra desse trabalho foi se transformando em pequenos fragmentos de cura, ao analisar indivíduos que compunham o ambiente ao meu redor e como eu agia em relação às coisas erradas que eu presenciava, um trabalho de expurgar as dores e tentar criar uma micro revolução interna em cada espectador. Afirmo que meu papel, para além do deslumbramento que a arte provoca no espectador, também é questionar. Questionando sobre esse tema me sinto satisfeita.

### **Considerações finais**

Ao final desta jornada investigativa e criativa, reafirmamos o poder do teatro como instrumento de crítica social e transformação pessoal. O espetáculo “Telhado de Vidro”, analisado neste trabalho, demonstrou na prática como a comédia pode ser uma arma potente para expor as contradições do sistema republicano de Ouro Preto, provocando no público tanto o riso quanto a reflexão crítica. Nossa pesquisa confirmou que as repúblicas estudantis, embora se apresentem como espaços de autonomia, frequentemente reproduzem estruturas opressivas disfarçadas de “tradição”.

Através das lentes de Durkheim (1984), compreendemos como a coerção social opera nesses microcosmos; pela Teoria das Janelas Quebradas (WILSON,

James; KELLING, 1981), observamos como pequenas transgressões não questionadas levam à naturalização de abusos; e com Hakim Bey (2011), vislumbramos a possibilidade de transformar o próprio teatro em Zona Autônoma Temporária – um espaço de liberdade efêmera, mas potente.

A análise das cenas revelou como os mecanismos cômicos propostos por Bakhtin (1987), Brecht (2005) e Bergson (2001) funcionam na prática: ao ridicularizar hierarquias rígidas e rituais absurdos (como as bebedeiras obrigatórias), a peça desnaturalizou práticas opressivas, cumprindo o que Bergson chamou de “função corretiva” do riso. A plateia durante os ensaios, ao rir da “decana automatizada”, estava também questionando a rigidez irracional dessas estruturas.

Este trabalho foi, antes de tudo, um ato político e de cura pessoal. Ao dramatizar minhas próprias experiências nas repúblicas, transformei a dor do confronto em arte engajada. Como atriz e pesquisadora, reafirmo que nosso papel vai além do entretenimento: somos agentes de transformação, provocadores de consciências. O teatro, quando assume seu caráter político, pode sim incomodar, irritar, mas também libertar.

Que “Telhado de Vidro” continue ecoando como um convite à reflexão – para que novos estudantes possam usufruir do melhor que as repúblicas oferecem (o senso de comunidade, as amizades profundas) sem precisar compactuar com práticas humilhantes. Afinal, como bem demonstramos, é possível construir uma convivência acolhedora sem reproduzir opressões.

Por fim, este TCC se encerra como começa: com a certeza de que o palco é, sim, uma trincheira. E que cada riso provocado por nossas cenas foi, na verdade, um pequeno golpe contra a injustiça – um passo na longa caminhada por relações mais justas e humanizadas, dentro e fora das repúblicas estudantis.

## REFERÊNCIAS

WILSON, James Q.; KELLING, George L. *Broken Windows: The Police and Neighborhood Safety*. **The Atlantic Monthly**, v. 249, n. 3, p. 29-38, mar. 1982.

BEY, Hakim. **TAZ: Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Conrad, 2011. Tradução de Renato Resende.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico** (Coleção Universidade Hoje, nº 6). Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1965.

BRECHT, Bertolt. *O Teatro Épico*. In: **Escritos sobre Teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre a Significação da Cômico**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001

## ANEXO

### Dramaturgia do espetáculo "Telhado de Viro"

#### ***Descrição dos Personagens:***

**JOELINA:** Uma jovem estudante que acabou de passar no vestibular e sonha em se tornar uma grande atriz. Sonhadora, muito comunicativa e muitas vezes revoltada.

**ROBERTA:** Melhor amiga de Joelina desde a infância, se conheceram no teatro e desde então se motivam juntas a se tornarem grandes atrizes. Ela é uma jovem empolgada, ri alto quando tem medo e quando está feliz. Ela é tagarela.

**CLÁUDIO:** Namorado da Fernanda, faz de tudo por ela cegamente e nunca tem opinião própria. Ele é um cara tímido e fala muito rápido.

**FERNANDA:** Ela é incisiva, ambiciosa, quer se tornar influente da moda, mas faz engenharia para ter o reconhecimento do pai.

**JENIFER:** Ela é melhor amiga da Fernanda, boba, não tem muitos sonhos, além de achar um marido.

**PAI:** Homem arrogante e manipulador, muito rico.

**HIERARQUIA:** Robótica, revoltada.

**MÃE DE JOELINA:** Gentil e amorosa.

**FIGURANTES**

## CENA I

*Música tocando e barulho de vozes ao fundo, cortinas se abrem, tem muitas luzes causando um efeito de festa, Joelina e Roberta estão dançando de uma forma estranha e engraçada. Roberta para de dançar e começa a conversar com sua amiga. Enquanto isso, uma luz vermelha toma conta do ambiente.*

ROBERTA: *(Ela grita com muita emoção bêbada e abraça a amiga)* AMIGA! ESTOU MUITO FELIZ, A GENTE PASSOU NA UFOP! Agora a gente vai ter uma vida completamente nova, sem minha mãe enchendo o saco, liberdade total!

JOELINA: *(Bêbada e cansada)* Calma não precisa gritar, também estou muito feliz.

ROBERTA: Escuta amiga esse é o som da nossa liberdade, vamos curtir o máximo hoje, se despedir direito dessa cidadezinha e dos nossos amigos.

JOELINA: Ai amiga, eu estou escutando, mas acho que já podemos ir embora, senão daqui a pouco vou esquecer que eu tô feliz...

ROBERTA: *(Ela ri exageradamente porque está muito feliz e faz uma pausa dramática)*

JOELINA: Vamos embora BER, amanhã temos que fazer as malas, não podemos ficar tão cansadas.

ROBERTA: Amiga, não é sempre que a gente passa na faculdade! E outra, como você pode estar dançando tão animada e do nada querer ir embora?

JOELINA: As vezes eu tento fugir do que eu tenho que fazer, dançar pros males espantar, mas o mal de ir embora não foi espantado, precisamos ir!

ROBERTA: Pode ir que eu vou ficar mais.

JOELINA: Mas Roberta amanhã a gente vai viajar, já que você quer tanto viver essa vida nova, vamos! Se não, não vai dar.

ROBERTA: Minha filha deixa de ser chata, eu me garanto, você se garante?

JOELINA: Eu não me garanto não, vou embora tchau!

ROBERTA: Até amanhã!

## CENA II

*O elenco se junta no palco dançando, caracterizados da forma mais estranha possível, uma pessoa pega uma garrafa de cerveja e oferece para outra pessoa e ambas se divertem brindando e urrando, enquanto outra sobe na cadeira e declama a fala de shakespeare “ser ou não ser”, carregando uma máscara na mão. A diversão acaba quando o alarme do celular da Joelina toca e ela aparece no meio do palco desnorteada, os atores se dispersam e saem. Luz azul e fumaça em cena.*

JOELINA: Ainda bem que arrumei as coisas antes de dormir.

MÃE DE JOELINA: Filha vamos levantar, já está na hora, vou te levar na rodoviária. Você já ligou para a Berta?

JOELINA: Liguei sim mãe, ela vai me encontrar na rodoviária.

MÃE DE JOELINA: Então vamos minha filha....

Filha a mãe espera que você se cuide, tome cuidado com as coisas, não beba bebida do copo dos outros, se precisar de ajuda para fazer alguma coisa pode ligar para a mamãe tá bom filha?

JOELINA: Tá bom mãe! Te amo, vou sentir saudade, agora me deixa ir...

MÃE DE JOELINA: Também te amo filha, nunca se esqueça que você não é filha de chocadeira! Boa sorte, estude e brilhe meu amor, mamãe está torcendo por você.

As duas atrizes saem do palco.

## CENA III

*Fernanda e Jennifer sentadas, o Claudio deitado no colo da Fernanda calado, apenas fumando um vape. As duas ficam conversando sobre como é ruim receber gente nova na república e ensinar tudo que tem que ser feito... As falas dessa cena serão improvisadas. Joelina e Roberta tocam a campainha e esperam ansiosamente para conhecer a casa nova. Jogo de luz para que a Fernanda e Jennifer conversando seja simultânea a conversa de Roberta e Joelina.*

FERNANDA: Amiga e essas meninas que vão chegar hoje hein? Nessa altura do campeonato, não tenho tanta paciência pra quem tá chegando.

JENNIFER: Não sei, também não tenho, tem que ficar explicando tudo, não sabem nada.

***Luz muda para Roberta e Joelina.***

ROBERTA: Amiga do céu, eu tô ansiosa para saber quais aventuras vão acontecer nesse capítulo.

JOELINA: Capítulo do que Roberta?

ROBERTA: Ué nossa vida é um filme e agora a gente vai viver várias coisas novas. É um novo ciclo!

JOELINA: Nossa vida é um filme... Só se for todo mundo em pânico, tá quase chovendo, a gente não conseguiu achar um transporte que quisesse carregar esse seu trambolho de mala que você não quis arrumar ontem né tá trazendo sua casa toda e nem sabemos se estamos no caminho certo.

ROBERTA: Eoem, credo em cruz, calma que vai dar tudo certo, tenho quase certeza que é essa casa aqui ó.

***Luz muda para cena de Jennifer e Fernanda.***

JENNIFFER: Amiga, você sabe como eu quero um relacionamento de filme!

FERNANDA: Ai amiga pensa nisso agora não. Me ajuda aqui, estou pensando em me arrumar hoje e vou gravar o vídeo get read with me com o Cláudio.

JENNIFER: Se eu arrumar eu quero casamento de bandeiras.

FERNANDA: Amiga foca em mim! Você acha que eu me arrumo ou faço um date com meu namorado que existe.

***Barulho da campainha tocando***

FERNANDA: Ala chegaram, vai atender!

JENNIFER: Tô indo.

***Joelina escorrega na pedra sabão, Roberta dá uma gargalhada e Jennifer abre a porta se assustando com a situação. Roberta continua rindo.***

JENNIFER: (***Com ironia***) Sejam bem-vindas! Pode deixar a mala ali no canto, vamos fazer uma reunião para explicar como as coisas funcionam aqui.

JOELINA: Oi, prazer!

ROBERTA: Oieeee, tá bom! Obrigada!

***Roberta e Joelina guardam as malas e se sentam junto com as demais pessoas que estão na casa. Cumprimentando todos.***

#### **CENA IV**

*Cláudio passa com a placa escrito “Duas semanas depois” Joelina e Roberta continuam sentadas igual a cena anterior esperando Fernanda e Jennifer começarem a segunda reunião da república.*

FERNANDA: Meninas, vocês já deveriam entender o funcionamento dessa casa, aqui existem regras e funções que devem ser feitas, como foi passado na reunião anterior.

O que está acontecendo? Vocês negaram servir o copo da ex-aluna ontem e isso não pode acontecer. A cama do quarto jasmin tá quebrada faz três semanas e vocês não tiveram proatividade.

JENNIFER: É verdade! Vocês têm funções que devem ser feitas.

ROBERTA: Mas a gente nem sabia que a cama estava quebrada e se ela quebrou três semanas atrás quem quebrou que deveria arrumar.

FERNANDA: Olha aqu

JOELINA: *(Interrompendo a Fernanda)* Desde quando eu tenho que arrumar bagunça dos outros? Você acabou de falar que cada um tem sua função, porque quem quebrou não arruma? A função de arrumar coisa quebrada é de quem quebrou oxe.

Ontem eu não entendi porque tenho que servir marmanja, a mulher tem 40 anos volta aqui e jovens estudantes bajulando ela, minha mãe não me criou pra isso não.

ROBERTA: *(Rindo desesperadamente)*

FERNANDA: OLHA AQUI, quer dizer olha aqui alecrim dourado, vocês acabaram de chegar. Ex-aluna manda dinheiro, temos que ter cordialidade, elas querem lembrar dos momentos bons que tiveram aqui, não custa nada servir por educação. A cama é função de vocês arrumar, bixo batalha e prova que quer morar na casa. Inclusive, vocês vão tomar uma cachaça agora, para aprender a andar na linha.

JENNIFER: Isso mesmo, batalha bixo e bebe cana!

ROBERTA: Eu não sou bixo eu sou gente.

FERNANDA: Se vocês forem morar na particular é pior, já expliquei como funciona e estamos conversando agora, se não melhorarem esses pontos, vou tomar outras medidas.

*Joelina fala para a Roberta que a Fernanda é escrota enquanto as duas saem.*

## **CENA V**

*Fernanda em crise na frente do espelho, se arrumando pra festa, começa a se maquiar, colocar brincos, pulseiras, camiseta de república, arrumar cabelo, montar o look. Enquanto isso, conversa com seu reflexo.*

FERNANDA: Eu não sou escrota, (eu sou a decana) se uma pessoa chega e quer morar na minha casa, ela tem que provar que é uma pessoa boa. Eu estou com sede, o que custa a pessoa ser educada, perceber que meu copo está vazio e ir buscar uma cerveja pra mim, se ela está conversando com alguém, ela não está ocupada, acabou de chegar, não conhece ninguém direito. A hierarquia serve para organizar, se ela não existir, como eu vou mandar em alguém e como esse alguém vai obedecer, para gente manter a casa organizada? Eu não sou escrota, eu cheguei a mais tempo, eu sei como as coisas funcionam. Batalha é um período de adaptação, se o bixo não arruma a cama quebrada como ele vai conhecer a cama que pode ser da casa dele. Eu já tirei o lixo TODOS OS DIAS, agora eu tenho que mexer com documentos, como eu vou ter tempo de tirar o meu lixo do banheiro e ainda colocar água no filtro?

## **CENA VI**

HIERARQUIA: Boa noite, meu nome é hierarquia. Segundo o dicionário, meu nome significa classificação por ordem, função ou status social. Uma distribuição formal de poderes em que cada nível tem autoridade sobre o próximo depois dele. Na teoria eu sou bem tranquila, sirvo para auxiliar e manter a ordem, sabe? Imagina você, ser humano que é composto de moléculas que formam células que dão origem aos tecidos que desencadeiam em órgãos que compõem sistemas e dão forma a organismos. Você é um organismo estruturado por hierarquia. Para que tudo funcione bem, quem está no topo precisa ter a consciência de que irá distribuir funções para que todos façam seu trabalho, trabalhem em harmonia e não sobrecarregue ninguém. Quando eu sou bem aplicada, tudo funciona bem, o problema é quando a galera acha que tem passe livre para me usar e ser escroto, para satisfazerem suas vontades e manipular pessoas por puro capricho pessoal. Aqui em Ouro Preto, me

usam de uma forma totalmente deturpada. Tenho preguiça desses jovens. Haha gente eu nem gosto de álcool sabe. E ainda falam que por minha causa alguém tem que beber CACHAÇA?! Se aconteceu uma merda saiba resolver, saiba conversar que nem gente uai. CANSEI eu não tenho nada haver com o b.o de vocês.

## CENA VII

*Vai acontecer uma social na república bolinha de sabão, na qual Joelina e Roberta moram. Todos estão bêbados, Roberta faz uma observação.*

ROBERTA: Joelina, chega aqui menina. Joelina, Joelina.

JOELINA: Que foi Roberta, que que foi menina?

ROBERTA: Olha eu estou morrendo de sono e a Jennifer falou que a gente tinha que ficar aqui, toda vez que tem visita ou social ou festa a gente tem que ficar sendo educada porque a casa vai ser nossa.

JOELINA: Eu acho que a gente pode ignorar o que a Jennifer falou porque ela não sabe de nada, quem manda nela é a Fernanda.

ROBERTA: É mais se a Jennifer falou é porque a Fernanda mandou ela.

JOELINA: Ah é, faz sentido.

CLAUDIO: *(Falando extremamente rápido)* Eaimeninasssss como estão, queria pedir pra vocs enxherem o copo da Fernanda, ela está ficandbrava vocês não param de conversar.

ROBERTA: *(Rindo alto)* O que você disse?! Eu não entendi nada.

JOELINA: Claudio eu não entendo você fala muito rápido e quando tá bêbado só piora.

*Roberta continua rindo*

CLÁUDIO: *(Fala mais rápido ainda)* MENINASPEGA CERVEJPOR FAVOR!

JOELINA: Calma respira

ROBERTA: Vai senta *(E ri mais ainda depois que emendou o que Joelina disse cantando uma música de funk)*

CLÁUDIO: Ai desisto.

*(Cláudio vai buscar uma cerveja para a Fernanda e quando ela percebe que o pedido de Cláudio não foi atendido ela fica furiosa e vai atrás da Joelina e da Roberta)*

JOELINA: Sinceramente eu não consigo entender o que ele fala.

ROBERTA: Eu também não. Amiga sabe uma coisa que eu reparei, a gente tá cansada e ele não e as meninas também não, a gente começou a beber na mesma hora e já faz um tempão. Como eles conseguem ficar assim acordados de boa até agora?

JOELINA: Amiga é uma energia de 50 reais, achei que você conhecesse *(começa a rir)*

ROBERTA: Como assim uma energia de 50 reais? Me fala onde tem que eu vou lá comprar, imagina você ter 24h sem cansaço e conseguir fazer todas suas obrigações!

FERNANDA: Você não precisa ir lá comprar querida a gente tem aqui e eu posso te dar um pouco.

JOELINA: *(Percebe a maldade e fica brava)* Você não vai dar pra ela não, ela tá de boa.

FERNANDA: Gente do que vocês estão falando? *(Começa a rir de nervoso)*

FERNANDA: Ah então quer dizer que você tem medo? Relaxa, é tranquilo, você vai ter mais energia para batalhar quando eu te der isso e o Cláudio não vai precisar fazer suas obrigações. *(Chama a atenção dos amigos)* Gente vocês acreditam que as bixo é careta?

*(Todo mundo começa a rir)*

JENNIFER: Eu não acredito! Meninas vocês têm que ter a mente mais aberta.

CLÁUDIO: Por isso que vocês são desse jeito, tem que ser mais esperta.

FERNANDA: Eu não vou obrigar ninguém a ser mais legal, se vocês estão cansadas podem ir dormir.

*(Joelina e Roberta saem indignadas.)*

ROBERTA: Afinal das contas, sobre o que eles estavam falando?

JOELINA: Pelo amor de deus Roberta!

## **CENA VIII**

*Joelina e Roberta sentadas na cama do quarto de ressaca em um domingo qualquer, Joelina se levanta e começa a desabafar.*

JOELINA: Amiga, eu não sei se estou feliz nessa casa, nunca imaginei que moraria em uma empresa como as pessoas dessa cidade falam, têm hierarquia, eu nem gosto de empresa, a gente escolheu ser artista, eu até gosto da Jennifer, mas a casa tá na baixa e não tem outras pessoas pra ter um laço maior e a gente criar carinho pala casa como as pessoas dessa cidade também falam, que precisa criar laços fortes para entender o sistema republicano.

ROBERTA: Amiga, eu entendo eu também não sei se estou gostando dessa experiência e francamente criar laços fortes para entender essas loucuras que acontecem?

JOELINA: Exatamente, ontem o que aconteceu foi ridículo e hoje elas acordaram como se nada tivesse acontecido.

ROBERTA: SIM, eu me senti completamente constrangida e minha mãe sempre falou que eu não precisava usar drogas para me enturmar.

JOELINA: Aquela hora que a Fernanda falou “Você não precisa ir lá comprar querida a gente tem aqui e eu posso te dar um pouco” a gente nem tinha pedido. E ela ainda deu a entender como se a gente não fizesse nada.

*Jennifer abre a porta do quarto interrompendo a conversa e avisa que a mãe de Joelina acabou de chegar para fazer uma visita.*

JENNIFER: Oi meninas, Joelina sua mãe está aqui.

JOELINA: Não acredito que ela veio. Olha Roberta que surpresa maravilhosa, ela sentiu que eu não estou bem.

JENNIFER: O pai da Fernanda também veio, mas como vocês não saem do quarto vocês nem perceberam que ele está aqui desde o café da manhã. E ainda nem perceberam que eles estão brigando. Eu acho que é sua culpa Joelina, pelo o que sua mãe está falando deu pra perceber que você contou o que rolou ontem, mas você só esqueceu de avisar que era brincadeira.

ROBERTA: *Rindo desesperadamente.*

JOELINA: Não viaja Jennifer.

*Joelina e Roberta saem correndo do quarto. A partir de agora a cena muda completamente, Joelina e Fernanda se preparam e começam uma briga atrapalhada, Claudio ajuda a Fernanda a se caracterizar, Roberta ajuda Joelina a se caracterizar também, representando seus pais e as falas deles saem de um áudio que toma conta do espaço, quando surgir a fala da mãe, Joelina dá um golpe e quando sai a fala do pai, a Fernanda dá um golpe e assim vai alternando as falas junto com as ações da briga. Enquanto isso, todos os personagens assistem como se fosse uma torcida, com reações exageradas e algumas vezes ficam com o rosto de espanto.*

MÃE DA JOELINA:

Ei, senhor engenheiro, pode vir que eu tô na pista!  
Mas cuidado, que talento não se mede em uma lista!  
Minha filha é artista, emoção e expressão,  
Enquanto a sua só decora equação!

PAI DA FERNANDA:

Olha só quem fala, a rainha do teatro!  
Enquanto a minha constrói, a sua só finge o ato!  
Minha filha é lógica, pensa com a razão,  
A sua faz drama pra ganhar atenção!

MÃE DA JOELINA:

Finge o ato? Olha o que cê tá dizendo!  
Se não fosse a arte, o mundo tava morrendo!  
Filmes, teatro, a cultura que encanta,  
Enquanto a sua só calcula, mas não canta!

PAI DA FERNANDA:

E quem precisa cantar, quando se constrói o futuro?  
Minha filha levanta pontes, não vive no escuro!  
Enquanto a sua sonha com aplausos no final,  
A minha projeta o real, não fantasia banal!

MÃE DA JOELINA:

Mas do que vale ponte, prédio e arranha-céu,

Se a vida for cinza, sem cor, sem papel?  
Enquanto a sua foca só na produção,  
A minha emociona e aquece o coração!

PAI DA FERNANDA:

Que coração? Isso aqui é o mundo real!  
Sentimento não paga conta nem enche um cabedal!  
No final, cê sabe, quem vence é a razão,  
Pois viver de aplauso não enche o seu pão!

MÃE DA JOELINA:

Mas no final da vida, cê vai entender,  
Que sem arte e cultura não dá pra viver!  
Não é só de números que se constrói uma nação,  
Mas de sonhos, histórias e inspiração!

*Depois da batalha de rap com a luta das meninas representando os pais, o ambiente se torna uma rua e um gari começa a varrer para dispersar as pessoas e os personagens, o tecido cai do teto e Joelina começa a fazer um repertório de acrobacias, falando suas inquietações. IDEIA..*

## **CENA IX**

*Após Fernanda perguntar para Joelina se “Já acabou Joelina” ela responde que ainda não acabou e de repente um tecido cai do céu, ela então começa a fazer acrobacias e dar o seu texto. Toda vez que ela faz uma queda, essa queda representa uma inquietação dela. O restante do elenco se dispersa.*

## **CENA X**

*Joelina sai do tecido, organiza o espaço e começa a apresentar o seu stand up.*

JOELINA: Boa noite pessoal! Esse stand up é um trabalho realizado na disciplina de interpretação I, espero que vocês gostem.

Todos vocês conhecem as repúblicas daqui de Ouro Preto ne?  
Quem aqui mora em uma delas?  
Legal, você que disse que mora, pode me dizer com quantas pessoas?  
Nossa! Então quer dizer que você sabe que sua bunda já passou onde essas x bundas também já passaram né? kkkk

Eu respeito muito você, porque com certeza você sabe jogar tetris, a casa cabem x pessoas durante o dia a dia, chega no rock tem 200. Tem que saber encaixar as pessoas no espaço né.

Tem uma coisa muito importante que a galera faz em república, criar uma diversidade, quer dizer biodiversidade, porque você abre a geladeira tem fungos de todas as cores e sabores. Calma! Eu não comi um deles, pelo menos eu acho que não.

E a louça? Tem gente que deixa pra depois, só que fica pra tão depois, que ela cria consciência própria, uma vez eu fui pegar um copo e ele me olhou de volta.

Eu tava rolando os reels do instagram esses dias e ouvi uma moça falando “Não faça do seu atraso a minha pressa” GENTE eu lembrei da época em que eu dividia quarto e minha colega transou na minha cama porque a dela estava bagunçada. Realmente vídeos de auto ajuda nunca foram tão necessários para republicanos.

Gente e churrascos? É igual ir na casa do boy pra ver um filme, filme? Não, pau e água. Vamos no churrasco na bolinha de sabão, carne? Não, cerveja e pinga. Mas em contrapartida, eu já fui em muita república que a gente gastou quase nada e comeu quase tudo! Essa é a magia de morar com x pessoas.

A gente sabe que o adulto tem medo de boleto, fatura e banho! Porque tinha uma galera na rep que não gostava de uma água do chuveiro.

JOELINA: Você que mora na república, poderia me ajudar aqui por favor? Você mesmo, vem aqui senta aqui comigo. Como eu falo pra Jennifer que o ronco dela me atrapalha durante a noite?

JOELINA: Entendi! Obrigada. Agora vem aqui comigo.

JOELINA: Nossa eu não acredito que você vai deixar a cama bagunçada dessa forma, que tipo de bixo é você, desse jeito você não inaugura quadrinho não, nem consegue arrumar a cama que senta. Minha mãe sempre falou pra não deixar rastros por onde passa, que sirva de exemplo pra você. Pra você aprender que não pode mais fazer isso, quero que você escolha, um lavrado ou virar três copos de cerveja?

JOELINA: Nossa me desculpa, na verdade você pode me dar um lavrado por favor?

*Resposta*

*(Dependendo da reação)* JOELINA: É que eu fui grossa com você e eu não deveria falar assim com as pessoas.

*Resposta*

*Dependendo da resposta da pessoa, Joelina fala “engraçado que nas festas vocês querem distribuir e agora que eu tô pedindo não quer me dar”*

JOELINA: Eu gostei tanto de você, eu acho que minha amiga também vai gostar, JENNIFER, eu trouxe um namorado pra você!

JENNIFER: Sério? Nunca achei que ia ser assim tão fácil, prazer você é linda, quer ir no piquenique com a gente? *(Se a resposta for não, ela vai dizer mas você é namorada meu tem que obedecer por favor fica)*

*Se a pessoa não quiser ficar, Jennifer pergunta ao público quem pode ir lá consolar ela, a próxima pessoa que for, ela vai dizer “oi novo namorado, vamos comer com meus amigos”*

## **CENA XII**

*Todos os personagens reunidos de branco ou camiseta da república bolinha de sabão, organizando o piquenique e distribuindo as comidas no pano, todos sentam em meia lua e começam a fazer perguntas de educação positiva, um de cada vez, mas a resposta é do grupo todo.*

PERSONAGEM 1: Vocês preferem pagar 300 e morar com 10 pessoas ou ter sua privacidade no seu canto por mil reais?

RESPOSTA: DEZ PESSOAS! DEZ PESSOAS!

PERSONAGEM 2: Você prefere tomar um lavrado ou resolver seu problema conversando?

RESPOSTA: LAVRADO, LAVRADO, LAVRADO!

PERSONAGEM 3: Você prefere preservar os pontos bons e mudar para melhor ou manter tudo de forma arcaica?

RESPOSTA: ARCAICA, ARCAICA!

PERSONAGEM 4: Você prefere denunciar as problemáticas do sistema republicano ou fazer um tcc sobre isso?

RESPOSTA: TCC! TCC! TCC!

## **FIM**

### CENA EXTRA

Alguém joga uma bola grande escrito “ego do decano”, e a Joelina tira um manual de instrução da bola, sem ver o que está escrito na frente e começa a segurar ela, enquanto ela anda com a bola atrapalhando as pessoas, ela fala nossa que negócio inútil só atrapalha eu a enxergar as pessoas.